

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Honório Christo

Numero 247

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

O ESPIRITO DAS TULHERIAS

O espirito monarchico morreu em França no dia em que foi proclamada a Revolução. E pôde-se dizer que morreu em todos os paizes da raça latina.

O que se seguiu foi uma vida mesquinha de conciliações, de transigencias, de mal-estar. Uma vida instavel, com todos os resultados deploraveis d'essa instabilidade. Vida cortada de sobresaltos, cheia de incertezas, preche de incidentes de toda a ordem. Ninguém mais contou com o dia de amanhã.

Este erro funesto começa a ser deplorado por todos os pensadores. Os generaes mais illustres do exercito francez, como veremos, são os primeiros hoje a confessar que teria sido uma felicidade para a França e para o exercito que a Republica se proclamasse em 1830, como os republicanos d'então pretendiam, e se aguentasse.

Quantas desgraças se não teriam evitado!

Não mais houve exercito, porque o não poderia haver. Os reis reconheceram muito bem que o constitucionalismo era uma situação passageira, que pouco poderia durar. Adquiriu uma certa estabilidade na Inglaterra, mercê de circumstancias especiaes que pouco importa agora averiguar. Na raça latina a tradição, a aspiração era a Republica. Era esta a solução inadiavel e fatal do conflicto.

Os reis ficaram na situação de um homem que tendo gosado longos annos uma propriedade, que se acostumou a considerar como sua, recebe, de repente, um mandado de despejo do verdadeiro dono. Usaram de todas as chicanas e de todas as violencias para demorar. Para vencer, não. Por mais allegações que apresentassem, sabiam bem que se veriam, por fim, coagidos a sahir. Sahir, era o termo.

Nestas condições, que fazer? Gosar o mais possivel, durante o tempo que restasse, e prolongar a resistencia todo o tempo que podessem.

E fizeram do exercito o instrumento mais valioso e mais poderoso d'esse gosado e d'essa resistencia.

Era logico. Para não resistir, e para não explorar, á bruta, a propriedade, tratando-a como coisa perdida, era necessaria uma abnegação que não se compadecesse com as fraquezas do genero humano.

Gastaram á larga os rendimentos collectivos. Foram mesmo além, muito além, do que a riqueza publica permittia. Guer-

rearam o progresso. Estorvaram a civilização. Negaram a liberdade. Converteram o exercito em guarda pessoal. Que admirar? Era esse o seu interesse!

Estupidos, ou loucos, foram, e são, aquelles que não comprehendem, ou não comprehendem, a razão clara d'um tal procedimento.

O espirito das Tulherias foi o mesmo, conservou-se inalteravel, ou n'ellas habitasse Luiz XVIII, Carlos X, Luiz Philippe ou Napoleão III. Ou a dama em evidencia fosse a duqueza de Angouleme ou Eugenia de Montijo.

Porque? Porque o caso era o mesmo.

Assim será em toda a parte onde elle se repetir.

A's mesmas causas correspondem os mesmos effectos.

Só o não perceberá quem o não queira perceber.

O imperio era dissoluto, era clerical, como o tinha sido a monarchia. Seguia os mesmos processos, apoiava-se na mesma gente. O systema de attrahir era identico.

O marechal de Saint-Arnaud ganhava 100:000 francos como escudeiro mór do imperador, 130:000 francos como ministro, 40:000 francos como marechal e 30:000 francos como senador. Ou sejam 54 contos! O coronel de Béville ganhava 12:000 francos como coronel de engenharia, 15:000 francos como ajudante de campo e 60:000 francos como prefeito do palacio. Ou sejam 16 contos, approximadamente. E assim outros. O marechal Magnan fazia um total, por varios empregos—era o monteiro mór do imperador—de 200:000 francos, ou 36 contos. O coronel Fleury, primeiro escudeiro, 95:000 francos, ou mais de 17 contos. Nenhum d'elles, ao menos, era, porém, *inspector de instrucção primaria*, como em outros paizes, onde se chama a essas coisas *accumulações*.

Sim, nenhum d'elles era *inspector da instrucção primaria*. Guardavam esse decore. Inspector, ou nome equivalente. O nome é o que vale menos.

Nenhum d'elles era inspector de instrucção primaria, membro de syndicatos, director de companhias, etc. Usufruiam enormes vencimentos. Mas ás claras, e exercendo cargos compatíveis com as suas profissões.

Eis como o Imperio pagava os serviços dos seus serventuarios e os crimes commettidos contra a soberania da nação. Esse marechal de Saint-Arnaud era o ministro da guerra do dois de dezembro. Esse marechal de Magnan era o commandante militar de Paris na mesma occasião. Esse coronel de Béville era official do Elyseu

quando se preparava a grande infamia. Esse coronel de Fleury era o emissario secreto enviado á Algeria para comprar a adhesão dos officiaes ao *complot*.

A infamia paga-se e paga-se por excessivo preço. Ninguém é infame pelo mero prazer de ser infame. Os crimes dos regimens condemnados, crimes de lesa patria, crimes dirigidos contra a nação, paga-os a mesma nação.

A França pagou-os duas vezes. Ah! e da ultima pagou-os com jurros exorbitantes. Pagou-os com o sangue dos seus filhos. Pagou-os com a desmembração do territorio nacional. Pagou-os com uma terrivel indemnisação de guerra. Pagou-os cobrindo-se de humilhação e de vergonha. E—triste coisa—nem sequer lhe restou o direito de se queixar!

Nem isso! Se acreditássemos em Deus, diríamos que Deus foi justo castigando-a duramente.

Nem isso! Nem isso!

Bemdicto seja o exilio, dizia Quinet. Pensamento, espirito humano, dignidade moral, o que é isso? Oh! exclamava o exilado da Suissa, a França não sabe o que isso é!

Vou tornar a ver o teu paiz, diz-lhe o proscripto que partia. Quem queres tu que eu saude por ti?

Sauda as pedras de dois tumulos, as bellas estatuas de marmore, o São João de Leonardo, a Virgem de Raphael e os convivas de Veroneso. A pedra ouve-te. A téla respirará com o teu sopro.

E que queres que diga aos homens?

Ah! Não lhes digas nada. Esses não te ouvem, que são surdos. Surdos!

A França não tinha, não, o direito de se queixar. O seu exercito cumpria a sua missão, que não era defender a patria. Era defender o regimen.

Ou o exercito de Cesar, ou exercito da nação.

Ou guarda pretoriana, ou guarda civica.

As duas coisas são incompatíveis uma com a outra.

Officiaes e soldados do exercito francez não tinham sido preparados, educados, ensinados para combater os prussianos, mas para combater a liberdade, mas para combater o povo. Para combater os seus proprios camaradas que fossem fieis ao espirito da democracia, ou da lei. O general Leydet, um velho de 75 annos, é arrancado do seu logar de deputado, e expulso, ás coronhadas, por soldados sem pudor. As bayonetas dirigem-se contra o peito do general Fló, quando elle invectiva o coronel d'Espinane, chamando-lhe covarde. O major Meunier, quebrando a sua espa-

da no joelho e atirando com ella, partida, á cara do mesmo Espinane, o tenente coronel Niol, dizendo ao referido Espinane, quando este, entrando de surpresa no seu quarto, se lhe apodera presuroso da espada: «Fez bem em ter esse cuidado para eu o não atravessar com ella de lado a lado» são alvo da chacota e dos insultos dos pretorianos.

Na madrugada do dois de dezembro, Saint Arnaud não se esquece de escrever a Magnan, dizendo-lhe: «Que não falte nada. Que as munições estejam promptas e as reservas em bom estado. Que a artilheria não despreze nenhum detalhe. Chamo a vossa attenção sobre a cavallaria. Que os officiaes da administração militar estejam prevenidos e que as distribuições se façam com precisão por toda a parte. As tropas batem-se mal quando os viveres lhes faltam. Cada soldado deve levar consigo provisões de campanha para 4 dias.»

Não se esqueceu. Mas quando foi necessario combater os prussianos, esqueceram-se de tudo. E faltou tudo.

Admiraveis em formar planes para metralhar e vencer as multidoes, nada souberam preparar nem conceber para repellar e vencer os inimigos da nação.

Valentes para fuzilar os burguezes inofensivos, ferozes para gritar: *Tirez aux fenêtres! Tirez aux passants! Tirez aux femmes!* perderam todo o seu vigor e toda a sua audacia quando tiveram de se haverem com os hulanos.

Eram logicos! Eram logicos! Eram coherentes! Elles não foram ensinados a defender a patria. Elles foram ensinados a defender o regimen. Davam o que podiam. Quem tinha o direito de lhes pedir mais?

Assim ha de ser em toda a parte!

Bazaine deu um baile quando chegou ao Mexico, para o qual convidou mulheres sem maridos e irmãs sem irmãos. A certa altura, entregaram-se todos ás *doçuras do can-can*.

Em Metz resurgiu o mesmo pulha, e durante toda a campanha franco-prussiana resurgiram os mesmos cancanistas.

Não houve um só dos marechaes, sem excluir Mac-Mahon, que não fosse, antes de tudo e acima de tudo, soldado do regimen; que não puzesse a salvação do imperio acima da salvação da França. Contra todos se poderia, justamente, reclamar o que o conde das Almeias reclamou em Hespanha contra outras nas mesmas circumstancias: que as bandalhes subissem da cintura para o pescoco.

Assim ha-de ser em toda a parte!

Nem o proprio imperador se desmentiu, quando, espartilhado e de carmin no rosto, se rendeu, para que o canhão não continuasse a augmentar-lhe as dôres de rins.

Oh! *ce canon, ce canon...*

Para que? Para que estava aquelle tiro incessante, aquelle tiro terrivel de canhão, a augmentar-lhe o soffrimento physico, se o imperio já estava perdido?

Acabado o imperio, acabasse o canhão, acabasse a dôr de rins, acabasse tudo.

Era o digno fim d'um miseravel. Morriam todos como tinham vivido.

Assim ha-de ser em toda a parte!

Morriam todos como uns bilhres. Morriam todos como uns covardes. Morriam todos como uns pulhas. Os valentões, que eram emeritos em calcar as liberdades e regalias da nação, em trazer o povo sob a ameaça permanente dos fusis!

Só um homem que não era espadachim, nem valentão, nem militar sequer, só um homem que não era a *ordem*, dava provas de extraordinaria coragem e valor. Só um homem que não tinha tirocinio de fusilamentos, que não tinha sido alugado para servir o regimen, que não tinha por missão defender o imperio, salvava a honra nacional. Esse homem era Gambetta, que arrostava o perigo das balas prussianas elevando-se n'um balão, para ir reorganisar nas provincias os exercitos democraticos que reabilitaram o nome do exercito francez.

Esse homem resuscitava brilhantemente a tradição republicana. Esse homem, portador de uma idéa, e por isso mesmo que o era, conseguia, em poucas semanas, tirar do chaos um grande exercito. Nós veremos a brilhante homenagem que lhe prestaram os proprios allemães. «Praza a Deus, dizia von der Goltz, que se um dia a nossa patria tiver de soffrir uma derrota analoga á de Sédan, um homem n'ella se levante capaz de suscitar uma resistencia desesperada como Gambetta a pretendia.»

Outra vez diremos: como estas licções seriam uteis, se os homens fossem capazes de apprehender!

CARTAS D'ALGURES

Não recebemos esta semana carta do nosso correspondente.

Constructor Civil

Completo o 1.º anno de existencia este nosso estimado collega, orgão dos constructores civis do Porto e Mathosinhos—Leça. Muito affectuosamente o cumprimentamos.

O PÃO

UMA QUESTÃO D'ALGUMA IMPORTANCIA

Reuniu-se ha dias em Coimbra, como se sabe, o 3.º congresso contra a tuberculose. E entre os graphicos e quadros de propaganda, expostos nas salas do Instituto, lia-se isto, em grandes letras:

O pão branco vale pouco como alimento. E um dos factores da prisão de ventre habitual.

O pão natural feito de farinha sem peneirar é escuro, mas muito hygienico e nutritivo.

Confessamos que nos causaram alguma surpresa estas afirmações.

O sr. Léon Boutroux, professor de chimica e decano da faculdade das sciencias de Besançon, sustenta precisamente o contrario no seu livro **Le Pain et La Panification**, chimie et technologie de la boulangerie et de la meunerie.

O sr. Emile Saillard, professor na Escola Nacional das Industrias Agricolas, em Donai, director do Laboratorio do syndicato dos fabricantes de assucar em França, e o sr. Jean Beziat, preparador na mesma escola, estão de accordo com o sr. Boutroux, no seu livro **Technologie Agricole, sucrerie, meunerie, boulangerie, feculerie, amidonnerie, glucoserie**, já publicado este anno.

E'nos impossivel transcrever para aqui todo o capitulo IX, que tem por titulo—**Valor nutritivo do pão**, da obra do sr. Boutroux. Mas resumiremos.

E' certo que pela analyse chimica se conclue que o valor nutritivo do pão escuro é superior ao do pão branco. Mas essa conclusão não pôde ser tomada como definitiva, porque o organismo é alimentado pelo que elle assimila e não pelo que elle ingere. A experiencia physiologica, são estes os termos precisos do sr. Boutroux, torna-se, pois, absolutamente indispensavel.

Meyer fez essa experiencia na Allemanha, com quatro qualidades de pão, e apuron que o pão branco de trigo tinha uma superioridade muito accentuada sobre todos os outros. Foi notavel, sobretudo, a comparação do pão de farinha sem peneirar com o pão branco. Aquelle produziu tres vezes mais materia fecal secca; levou ao estomago mais azote mas deixou menos no sangue. O pão branco deu logar a uma assimilação de substancia mineral 40 vezes maior do que o pão escuro.

Este resultado explica-se pela leveza, que é a primeira de todas as qualidades a procurar no pão. O pão branco é o mais leve e o mais bem levedado. Esta demonstração reduz singularmente a importancia das comparações analyticas entre o pão de farinha sem peneira e o pão de farinha branca. Que importa a riqueza d'um pão em phosphatos ou em azote, se esse pão é compacto, e se d'esta circumstancia resulta a materia azotada e sobretudo a materia mineral serem em grande parte expellidas pelo organismo? Não se pôde, pois, gabar o pão de farinha sem peneira senão sendo elle, com essa farinha, tão bem levedado e tão leve como o pão de farinha de 1.ª qualidade. Emquanto isto não succeder, o pão branco deverá ser considerado como tendo um valor nutritivo superior.

Taes são as conclusões do sr. Boutroux.

O melhor pão, entre todos, é o mais leve.

Pôde o pão escuro ser leve e bem levedado? E' bom. Senão, não.

Os srs. Saillard e Beziat são da opinião de Boutroux. No capitulo intitulado **digestibilidade dos diferentes pâes**, referindo-se a numerosas experiencias citam, em particular, a experiencia franceza do sr. Tonailon e. concluem,—não obstante, dizem, o parecer em contrario de va-

rios sábios,—que o pão branco é mais nutritivo do que qualquer outro.

Eis o estado da questão. Quem está na verdade? E' o que desejariamos saber.

Não somos medico, não somos chimico, mas como publicista não nos interessam menos estas questões. E se não temos competencia profissional para nos pronunciarmos sobre ellas directamente, temos o dever de chamar a attenção de quem sabe sobre os pontos escuros ou duvidosos, quando existam.

A experiencia de Meyer é antiga. Mas o livro de Boutroux é moderno e o de Saillard é modernissimo. E tanto Boutroux como Saillard admittem como boa. Além d'isso Saillard, como vimos, refere-se a outras experiencias. Numerosas experiencias, diz elle.

Lanmonier, no seu livro **Hygiene de l'Alimentation**, entre varias razões alimentares cita a que na **Companhia dos caminhos de ferro de Oeste**, em França, deu melhor produção de trabalho effectivo, e lá figura o pão branco.

Mas com a auctoridade de todos os membros d'um congresso, entre os quaes figuram homens de grande valor, afirma-se em Portugal—aliás em harmonia com as afirmações de outros sábios estrangeiros—que o **pão branco vale pouco como alimento**, que o **pão natural feito de farinha sem peneirar é escuro, mas muito hygienico e nutritivo**.

Ficámos ás escuras e seria de vantagem nacional ficarmos todos ás claras.

N'esse ponto, a propaganda do congresso contra a tuberculose favorece extraordinariamente as fraudes commettidas por varios moageiros do pão, os quaes misturam com as farinhas de trigo de melhor qualidade farinhas de fava e outras. E vamos, que esta é das fraudes menos prejudiciaes que elles praticam.

Favorece tambem o egoismo dos lavradores, que fornecem a industria de panificação precisamente os trigos que produzem as farinhas com que se fabrica o pão mais escuro. Trigos pessimis, em geral. Ora se por cima de tudo ainda fôr falso,—como parece, como nós cremos,—que o pão escuro seja mais digerivel e mais alimenticio do que o pão branco, os membros da Liga contra a tuberculose estão fazendo, n'esse ponto, uma propaganda deploravel.

Mas, enfim, talvez sejam elles que tenham razão. Nós, não sabemos. Limitamo-nos a chamar para ali a attenção dos que sabem.

Seria bom tirar duvidas, porque duvidas existem.

A nova colheita do vinho

Dizem da Bairrada, que a nova colheita do vinho deve ser este anno abundantissima e que, se o tempo assim continuar, aquella região produzirá vinho em abundancia superior ás melhores colheitas anteriores á invasão da phloxera.

Na perspectiva de tão promette-dora colheita já os vinhos baixaram muito de preço, vendendo-se a réis 18500 e 18600 cada vinte litros, os que ainda ha pouco logravam o preço de 18900 e 20000 réis.

Foi mandado apresentar na direcção das obras publicas do districto de Coimbra, o servente Adriano Cruz Nordeste, que exercia aqui o seu logar.

Até que emfim!...

O sr. Antonio de Sousa sempre se resolveu substituir o antigo kiosque da Praça Luiz Cypriano, por outro mais adequado ao embelezamento d'aquelle local. Na ultima sessão da camara já foi deferido o requerimento para a sua construcção.

Diz-nos o seu proprietario que tenciona construir um elegante kiosque, não excedendo a um metro e 60 de largo, tornando por isso aquelle largo mais vistoso e hygienico.

De alguma coisa valerem os reparos que aqui fizemos.

Mais vale tarde do que nunca.

CASIMIRO FREIRE

Lêmos no *Debate*, e transcrevemos, o seguinte, com o qual estamos de plenissimo accordo:

O elogio elevou-se, na imprensa partidaria, á altura d'uma verdadeira instituição. De forma que, chegado o momento de se falar com justiça d'um homem de valor, não ha que dizer, porque as melhores palavras foram desperdiçadas com os mediocres e vaidosos da sociedade do elogio mutuo.

Hoje, porem, com verdadeiro contentamento, lêmos na *Vanguarda* justissimas e bem merecidas palavras a respeito de Casimiro Freire, um homem de grande coração e de solida intelligencia que bem merece o respeito e a estima de todos.

E, porque estamos inteiramente de accordo com o que o alludido jornal afirma acerca de Casimiro Freire, para aqui trasladaremos o que segue:

«Se ha quem, no partido republicano, tenha direito a uma justa homenagem, é, sem duvida, Casimiro Freire, um estudioso e um sabedor, que, em 1881, teve a luminosa ideia de fundar a Associação de Escolas Moveis pelo methodo João de Deus, como a verdadeira base de toda a democracia bem organizada. E' um apostolo devotado da instrucção, e, seguramente, o primeiro propagandista em Portugal do methodo João de Deus. Amigo e admirador do poeta, a quem o ligavam laços de familia e da mais pura affeição, Casimiro Freire conservou-se fiel á sua memoria e aos ideaes pedagogicos. Este facto bastaria para prova do seu caracter honradissimo, se todos os actos da sua vida não tivessem obedecido á mais escrupulosa rectidão e aos rasgos da maior abnegação e do mais santo altruismo.

Casimiro Freire é d'aquelles que devem tudo quanto são á sua iniciativa individual e ao seu esforço pessoal. De caixeiro, tornou-se continuador do seu venerando patrão e nosso dilecto amigo João Jacintho Fernandes, tendo-se elevado pelos proprios merecimentos, a ponto de ser hoje, na nossa praça, o representante d'essa firma acreditadissima.

Por occasião do «ultimatum» inglez, era Casimiro Freire director da Associação Commercial de Lisboa, que o despotismo franquista dissolveu. Foi pelos seus notaveis trabalhos que elle logrou orientar o movimento d'essa epoca. De então para cá, o seu projecto, principalmente brilhante pelas estatisticas em que é profundo e extraordinariamente versado, tem sido muito aproveitado por todos os que se occupam de assumptos economicos e financeiros.

Sempre solícito, e zeloso na propaganda pela instrucção, ainda ante-hontem deu uma prova dos sentimentos que o animam, tendo promovido, no Salão da Trindade, um beneficio a favor da Associação das Escolas Moveis, de que tem sido a alma e um paladino disvellado, que foi immensamente concorrido.

A benemerita instituição devia constituir para o partido republicano a principal razão da sua existencia, sendo para lamentar que nem todos tenham comprehendido este dever sagrado que a salvação do paiz a todos impõe como um verdadeiro dever de honra.

O 1.º DE MAIO EM AVEIRO

A «Associação dos Constructores Civis de Aveiro» resolveu este anno festejar o 1.º de maio, mas resumiu o seu programma de festejos quasi a manifestações internas e a visitas ao cemiterio á sepultura dos companheiros mortos.

Haverá musica, sessão solemne e illuminação á noite.

O sr. José Maria de Mattos, residente em Lisboa, offereceu a esta Sociedade a quantia de 2:500 réis, que revertem em beneficio da Caixa de Soccorros.

A QUESTÃO DOS TYPOGRAPHS

Os jornalistas de Lisboa denunciaram ao presidente do conselho varios typographos como anarchistas.

Os jornalistas de Lisboa pediram ao presidente do conselho que prohibisse a circulação do manifesto dos compositores.

Os jornalistas de Lisboa resolveram cortar todas as suas relações com o empresario Taveira, porque este cedeu aos typographos, para se reunirem, uma das salas do theatro da Trindade.

Quer dizer: os jornalistas de Lisboa demonstraram que em questão de solidariedade social, de amor á verdade, de espirito de justiça, valiam tanto ou menos ainda que os compositores.

Que desprezo pelos principios! Que vento de insanias!

Os que estão sempre promptos a lisongear os vicios das classes populares, quando essa lisonja lhes pôde favorecer o vil interesse, são os mesmos que, ainda em proveito do mesmo interesse, não hesitam em dar provas da mais feroz intolerancia e em recorrer aos expedientes mais indignos.

Uma das causas mais graves da desorientação nacional é a falta de independencia e de sinceridade de que dão provas os jornaes a toda a hora. Nunca se censuram os vicios, as immoralidades, os defeitos de classe numerosa. Não, que a classe pôde-se zangar e, depois, não compra jornaes.

Não ha povo mais mal educado que o povo portuguez. Mas como a sua educação não se poderia fazer sem se começar por lhe apontar os vicios, os erros, as idéas falsas, os preconceitos de toda a ordem, e como ninguém gosta de ouvir verdades, os jornalistas absteem-se d'essa obra importantissima de educação, de moralisação, para não ficarem de mal com o povo.

E se se limitassem a não lhe censurar os vicios, vá lá, que não seria o mal tamanho. Mas os jornalistas, portuguezes não ficam por ali. Não só não censuram os vicios populares, como, muitas vezes, os proclamam como virtudes, que é o peor de tudo. Essa obra de lisonja feita ao povo, essa torpeza em applaudir todos os desvaireamentos das multidões, é tudo quanto ha de mais repugnante.

No entanto, faz-se. Faz-se a toda a hora. Faz-se a propósito de tudo. E n'esse ponto tão culpados são os monarchicos, como os republicanos.

Quando começaram a questão dos typographos, os directores dos jornaes *agucharam-se*. Se tivessem auctoridade, se logo de principio procedessem com altivez e energia, talvez que os typographos se não atrevessem a tanto. Mas acostumadas as multidões a falar e a proceder com insolencia, sem auctoridade nenhuma os jornalistas, que teem acalentado e afagado essa insolencia, nem os typographos viram a *sem razão* que lhes assistia, nem os directores de jornaes tiveram força para lh'a fazer reconhecer. E o conflicto rebentou, como entre nós rebentam todos em casos similhantes: os que se julgavam mais fortes no primeiro instante cheios de insolencia, e os que se julgavam mais fracos cheios de pusillanidade ou timidez.

Mas a breve trecho se viu que os mais fracos eram os typographos, sem apoio na opinião publica, com a guerra aberta d'outros elementos populares, que se declararam contra elles, e logo se invertem os papeis. Os jornalistas, que já não tinham que temer, passaram de pusillanimes, de timidos, de *conciadores*, a tyranetes intrataveis e ferozes, a homens de vinganças implacaveis e perversas.

E foram denunciar os typographos como anarchistas!

E revoltaram-se contra quem lhes facilitava o direito de reunião!

E pediram ao ministro do reino que fizesse aos typographos aquil-

lo de que elles, jornalistas, se teem queixado tanta vez, isto é, que lhes apprehendessem os seus escriptos!

Que paiz! Atreve-se esta gente a falar de liberdade!

Os typographos andaram mal. Muito mal. Os typographos não tinham razão. Os typographos affrontaram a justiça, com o seu desprezo absoluto pelos interesses de outros trabalhadores mais prejudicados do que elles. Mas queriam provar que tinham razão? Que provassem. Esse direito não só se lhes não devia estorvar, como se lhes devia facilitar.

Porque não haviam de falar? Porque não haviam de escrever?

Tinham medo os jornalistas das palavras dos typographos?

Porque não havia o empresario Taveira de lhes ceder uma sala para que se reunissem?

Injuriaram ali os jornalistas? Foi isso que provocou a condemnación formal do empresario?

Que epiderme tão sensivel a dos jornalistas de Lisboa!

O que isto demonstra bem é a falta de educação nacional. Falta que se encontra em todos, nos mais cultos, como nos mais incultos. Isto é ainda um paiz de incultidões. Tudo isto cheira a batina, que tresanda. Fanaticos, brutos, intolerantes, intrataveis. Todos! Todos!

Que os directores ou proprietarios das empresas jornalisticas não queiram admittir certos typographos, é um direito que se não pôde contestar. Que mandem vir de fóra do paiz machinas de compôr, que arranjem typographos n'outras terras, é outro direito egualmente incontestavel. Quem vai á guerra dá e leva. Quem se sujeita a amar sujeita-se a padecer. Os typographos romperam as hostilidades. Soffram-lhe as consequencias. Está bem. Essas represalias dos proprietarios dos periodicos são legitimas. Não ha que dizer.

Mas ir denunciar os typographos como anarchistas, é uma *laxação*.

Mas coartar o direito de falar e de escrever, é um attentado vergonhoso em homens que usam uma penna.

Mas declarar guerra de morte, a um individuo, só pelo facto d'elle ter cedido aos grévistas uma sala para se reunirem, é um acto de feroz intolerancia, indigno de gente que se diz culta e civilizada.

Contra isso tudo lavramos o mais energico protesto, a mais decidida e formal condemnación.

Cuidado com os gatos

Diz o nosso collega *A Tribuna*, de Lisboa, que ha dias, quando sr. Carlos Cabellos de Andrade passava, acompanhado de seu irmão pela Avenida da Liberdade, um carro electrico apanhou um gato, deixando-o em estado lastimoso.

O sr. Andrade condoído do pobre bichano, retirou-o dos «rails», sendo n'essa occasião mordido pelo animal n'uma das mãos.

A principio, o sr. Andrade importancia alguma ligou ás mordeduras, apesar do sangue lhe correr em abundancia dos ferimentos.

No ultimo sabbado o sr. Andrade, como de costume, foi trabalhar para a Imprensa Nacional e depois de algumas horas, declarou aos seus collegas que alguma coisa de extraordinario se passava dentro d'elle, chegado mesmo a dizer que estava atacado de alienação mental, tendo horror á agua não podendo olhar para ella.

Passados momentos o infeliz começou a sentir os symptomas da raiva, cahindo prostrado com um violento ataque.

Chamado immediatamente o sr. dr. Medeiros, declarou estar o pobre homem atacado de hydrophobia, recommendando o maximo cuidado para evitar o contagio.

Infelizmente foi impossivel salvar-o, pois o infeliz entre os mais horrosos soffrimentos falleceu, em sua casa, na rua do Passadiço, 78 2.º, pelas 6 1/4 da manhã.

O medico assistente verificou o obito, devendo o funeral realisar-se para o cemiterio Oriental.

A CRISE DO JORNALISMO

A ultima greve dos typographos veio pôr em evidencia um facto já de todos conhecido: as difficuldades com que luctam varios periodicos, que só á custa de muitos sacrificios conseguem aguentar-se.

Esta é a causa suprema. E' a crise da abundancia, que prejudica o commercio, como prejudica a industria. Ha fabricas, como ha lojas, como ha jornaes, como ha medicos, como ha advogados em excesso.

Contra essa inundação de ordinariissimos papeis havia o correctivo do bom senso publico, se senso existisse na maioria do publico. Era facil. O leitor rejeitava, sem contempções de qualidade alguma, todas as papeletas que vivem de dizer banalidades, de dizer dislates, de copiar bocado aqui, bocado acolá, ou que, tendo forma artistica, são no fundo um agente da corrupção politica, da immoralidade dos governos e partidos.

Divididos os leitores por tanta papeleta, poucas são as que conseguem viver vida facil e independente. D'ahi uma série de abjecções, que tem como consequencia imperiosa perturbar e desmoralisar, cada vez mais, a consciencia do paiz.

N'uma pequena terreola, ás vezes, dois orgãos da mesma politica! Nas grandes cidades, inimigos uns dos outros, intimamente, os que se dizem pertencer ao mesmo partido!

Isto é, orgãos de vaidades, orgãos de interesses e ambições de individuos ou pequenos grupos e raramente servidores leaes d'uma idéa.

Portanto, ausencia completa de disciplina e solidariedade partidaria, e, consequentemente, ausencia completa de disciplina e solidariedade social.

Desvantagens enormes para a nação, que em vez de ter no jornalismo um elemento formidavel de força, de progresso, tem n'elle o mais terrivel elemento de fraqueza, de perturbação, de desmoralisação, e desvantagens para os jornaes, que arrastam uma existencia vergonhosa, sem auctoridade, sem prestigio, sem a minima consideração social, amesquinçados, desprezados, offendidos a toda a hora.

Tal é a consequencia necessaria d'essa nuvem de papeis, com o nome de jornaes, que cahiram sobre o paiz como uma praga, sobre o paiz que tem mais analphabetos na Europa! nuvem que cresce, cresce, cresce d'um dia para o outro, ameaçando produzir, não tarda nada, um verdadeiro eclipse do sol.

E á força de luminarias morremos por falta de luz.

Companhia Lisboense

Como noticiamos representou-se no penultimo sabbado e domingo, com geral agrado, o drama em 5 actos e 7 quadros, de Alexandre Dumas, «O Conde de Monte-Christo».

Como previramos, a casa encheu-se quasi por completo. Todos os espectadores sahiram d'alli com as melhores impressões.

Hontem subiu á scena, em beneficio do actor Eusebio de Mello e do mestre carpinteiro Augusto Marques, o drama em 4 actos—«A Filha do Saltimbancó» e as cançonetas—«O Chicote» e «O Tio Bernardino.» Hoje ha espectáculo.

A nossa carteira

Esteve sexta-feira n'esta cidade o sr. Manuel Marques d'Almeida Bastos, bem-quisto proprietario de lhavo.

Tambem vimos n'esta cidade, o sr. dr. Joaquim Rodrigues d'Almeida, esclarecido advogado, residente em Encas.

Em consequencia de se ter aggravado a doenca do sr. conselheiro Bento de Moura, partiu para Lisboa o sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Éça, digno professor do nosso lyceu.

Com suas ex.mas esposa e filhas, partiu sexta-feira para Lisboa o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, conservador do registó predial d'esta comarca.

Regressou hontem de Adães, o sr. Manuel da Rocha, abastado capitalista e proprietario d'esta cidade.

De visita a seu cunhado, o sr. José Cerveira de Mello, esteve com sua esposa, em Recardães, o sr. dr. Agostinho de Mattos Leitão, digoo major-medico e sub-inspector da 2.ª divisão militar.

Passou na sexta-feira o anniversario natalicio do sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, integerrimo juiz da 3.ª vara civil de Lisboa.

Completo 84 annos de idade a sr.ª Maria Antonia Tavares da Graça. Os nossos parabens.

Acaba de chegar a esta cidade, vindo d'Almeida, para onde tinha partido em bicycleta, o sr. Albino Mendes, intelligente sargento de infantaria 24.

Artigos photographicos

Acaba de chegar ao estabelecimento commercial de Antonio Ferreira Felix, Filhos Succesores, a primeira remessa de artigos photographicos os quaes são vendidos pela tabella do Porto.

E' de esperar que os senhores profissionais e amadores não se surtam para o futuro do Porto, pois que, de esta maneira, poupam o transporte que fatalmente tinham a pagar, ainda que a encomenda fosse muito deminuta.

Os artigos expostos á venda são fornecidos pelo «Centro Photographico» e do qual a casa Felix, em Aveiro, é depositaria.

Recommendamol-os aos senhores amadores e profissionais.

Horriavel assassinato

Um telegramma de Veneza narra o seguinte terrivel assassinato: Um rapaz de treze annos, José Biojato, matou com cutiladas sua irmã Maria Vizontini. Os gritos da pobre victima foram ouvidos pela mãe, que accorreu, prevendo grande desgraça.

Com um inconcebivel cynismo, o assassino levantou o corpo da morta—uma linda rapariga pubere, e atirou o cadaver para junto da sua mãe, dizendo-lhe:—Ahi tens a tua filha.

Depois, pôz-se em fuga, conseguindo-se prendel-o, não sem grande difficuldade.

PUBLICAÇÕES

O Martyr da Inquisição Portugueza Antonio José da Silva (o Juden) por Theophilo Braga.

Por intermedio da benemerita Associação do Registo Civil recebemos este magnifico trabalho, que muito agradecemos.

Semana Illustrada.—Recebemos o n.º 21. Excelente, como sempre.

Aos srs. agricultores pedimos para experimentarem o ADUBO ORGANICO que se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas. O preço de cada kilo é de 25 réis.

Encontra-se presentemente na sua casa de Aguiçeira, o sr. dr. Manuel Homem de Mello, illustre deputado por este circulo.

Parti amanhã para Estarreja, a fim de ir tomar posse do cartorio da 2.ª instancia, n'aquella villa, o escripto ajudante, sr. José Roballo Lisboa Junior.

A fim de visitar os principaes centros agricolas e hortícolas, partiu para o estrangeiro o sr. José Monteiro da Costa, digno director da «Companhia Agricola Portuense».

Encontra-se presentemente na sua casa de Aguiçeira, o sr. dr. Manuel Homem de Mello, illustre deputado por este circulo.

Os atiradores civis de Aveiro

Pelas duas horas da tarde de domingo passou o partido do Largo Luiz Cypriano o «Grupo de atiradores civis d'Aveiro» e que na carreira de tiro da Gafanha foram fazer as suas primeiras provas de fogo.

Em lhavo juntou-se-lhe o grupo da localidade, que é bastante numeroso, formando assim um grande nucleo de homens, que davam ao local da carreira um grandioso aspecto pela sua desuzada movimentação.

Uma vez alli, o distincto official de infantaria 24 e encarregado da instrução de tiro, sr. capitão José Domingues Peres, fez a todos os agrupados uma explicação clara e concisa, recommendando-lhes a maior prudencia com as armas e dando-lhes diversas instruções sobre o manejo das mesmas. Em seguida procedeu-se á 1.ª prova de fogo, onde entraram para cima de 150 homens, mostrando-se todos regulares atiradores, alvejando bem e manobrando com precisão, embora alguns d'elles pegassem pela vez primeira na espingarda.

No local juntou-se muita gente de lhavo e das localidades proximas, dando ao sitio um aspecto de verdadeira romaria.

O nosso amigo sr. João Felix tirou varios «clichés» no local do tiro e no percurso para Aveiro.

Era quasi noite quando tudo debandou, retirando na melhor ordem e no meio de grande entusiasmo.

A s 8 horas da tarde houve jantar no «Hotel Cysne», offerecido ao sr. capitão Peres, o qual decorreu muito animado, sendo o serviço variado e profuso.

Recommendamol-os aos senhores amadores e profissionais.

Respondeu-lhe o sr. capitão Peres, felicitando o «Club Mario Duarte» por ter alcançado permmissão para a filiação dos atiradores civis de Aveiro e agradecendo as provas de consideração com que por todos foi tractado.

O sr. Francisco Ferreira da Encarnação, representante do «Club dos Galitos», brindou pelo exercito.

O sr. João Ferreira Felix, representante do «Recreio Artistico», brindou ao sr. capitão Peres, pela forma ihana, delicada e paciente como a todos tractou, terminando por eruzer vivas ao exercito e á marinha de guerra portugueza.

Por fim, brindou o sr. João Santiago ao sr. capitão Peres, agradecendo-lhe, por sua vez, as attentções dispensadas aos noveis atiradores.

No final do jantar foram os convivas acompanhar o sr. capitão Peres á sua residencia, que é fronteira ao quartel de infantaria 24. E assim terminou a sympathica festa, sem incidente e sem uma nota discordante no meio d'aquelle mar agitado pelo sangue novo e pelo entusiasmo proprio da mocidade ardente e irrequieta.

Hoje voltam alli novamente para se procederem a novas provas.

Os filiados são para cima de cento e cincoenta. As bicycletes que alli foram no domingo eram mais de sessenta.

MAK-RÃO.

Notas alegres

Uns estudantes encontraram uma velha que conduzia uns burros. «Bons dias, mãe dos burros», disse um d'elles.

— Bons dias, meus filhos.

mãe é! Nossa Senhora, as melhores irmãs são as trez pessoas da Santissima Trindade.

Sã theologia; mas os mocinhos queriam saber de sua mãe, de seu pae e de suas irmãs.

Déram em não estudar, de tristes que viviam. Foram accusados ao padre Braz, que entrou a admoestral os no convento. Os meninos abraçaram se n'elle, pareciam contentes.

— E' nossa mãe? perguntava Agustinho.

— E' nossas irmãs? perguntava Pedro.

E Braz Luiz baixava os olhos sobre o seio, permanecia n'um recolhimento angustiado, e saia com estas palavras:

— É verdade!... e vossa mãe!... e as vossas irmãs? perguntava Agustinho.

— E' verdade!... e vossa mãe!... e as vossas irmãs? perguntava Agustinho.

— Pequeni! pequeni! perdão, meu Redemptor!

(Continúa.)

FOLHETIM

(47) CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XVI

O padre Braz

Aquelle acto era uma encrocificação atrociissima para a filha de Antonio de Sá, porque ella tinha perdido a fé. Nunca se lhe haviam entranhado muito as crencas na religião do Calvario, porque da indifferença religiosa, em que lhe corra a infancia, passara a ser educada em convento francez, onde a piedade sincera de alguma peccadora contricta era mettida a riso por alegres peccadoras, de quem poderia ser que os proprios anjos andassem namorados.

Sua mãe tinha vivido uniforme com a religiosidade do marido; e, por fins da vida, rejeitara e apagara da alma os vislumbres da piedade, porque, dizia ella: «Ha certas lagrimas que apagam toda a luz de religião, s'ja ella qual for.»

A religião de Braz Luiz parecia-lhe a ella muitas vezes ostentosa, pouco menos de hypocrita, sustentada á custa da razão. Todavia, como discreta e amantissima d'elle, não lh'a impugnava, nem se esquivava a seguir o nas publicas demonstrações de sua piedade.

Quando ella, desde os reconceivos d'alma, caiu aos pés de Christo, foi na hora tremenda em que se ouviu nomear filha de pae e mãe de seu marido. Orou então, para não morrer, ou pôde ser que orasse para ser arrebatada á sua angustia pela mão de Deus, ou fulminada por poder satânico. N'aquellas orações ninguem sabe o que a alma pensa.

Encerrada n'um convento, com cinco meninas, que se encostavam ás reixas de ferro a olhar cheias de saudades por esse céu fóra, e seguniam as avesitas de arvore em arvore, de monte em monte, a infeliz mãe advinhava os colloquios das pobrinhas com o céu impassivel, e fugia-se d'ellas, para que a não vissem chorar. Voltava a vê-las, e trazia ainda vidrados na face os prantos. Ellas aqueciam os com os beijos, e em vez de feryor piedoso e consolativo de sua mãe, ouviam lhe supplicas com que ella lhes pedia per-

dão de as ter gerado. As meninas perguntavam-lhe porque estavam assim captivas e desterradas da vida tão sem vontade, e a mãe não podia responder-lhes: «É porque sois filhas de meu irmão, e minhas filhas.»

Que importava? Tinham ajoelhado, tinham renunciado, tinham professado, tinham assistido á missa nova de seu pae, d'aquelle homem de faces lividas, que as não apparentava mais translucidas de uma alegre consciencia do que as teria um sacrilegio, que bovesse espido no ciborio e calcado aos pés a hostia. E depois viram-no assomar no pulpito, e pregar com elegancias de primoroso lapidario de palavras o sermão da profissão, o sermão d'aquelle enterro de seis vidas, de seis corações apunhalados, mortos, com authoridade do concilio tridentino, e com muitos applausos dos prelados, do rei e dos edificados espectadores da tragedia.

Estavam professoras. A de trinta e nove annos, que representava vinte cinco formosas primaveras, ao entrar n'aquelle antro de S. Bernardino, a filha de D. Maria Cabral estava desfigurada como na ultima velhice. Anna Maria, de dezeseis, e Sebastiana Ignacia, a mais nova, de onze—onze annos

e professa com um breve de Sua Santidade!—todas cinco, seguindo sua mãe da egreja ao claustro, olhavam contra o chão como a procurarem a cova que se lhes abrisse.

E depois, se choravam, saía-lhes a prioreza e dizia-lhes: — Filhas, lagrimas de penitencia, de penitencia...

E se, do interior do convento, ia ao padre Braz a noticia de que suas filhas estavam deperecendo e morrendo, o santo, calejado para uns dardos que varam e matam todo homem menos santo, respondia:

— É o Senhor que as chama... Deixal-as, deixal-as ir para o côro das virgens.

E, rodeado de muitos e piedosos livros, escrevia a Lusíada sacra, a origem ecclesiastica do imperio lusitano, e levava mão do trabalho para assistir aos seus doentes, que curava ou enviava a melhores mundos gratuitamente.

Os mogos Agustinho e Pedro lá estavam estudando latinidade no convento de Santo Antonio. Ao principio perguntavam por sua mãe, seu pae e por suas irmãs. Um doutissimo frade, lento jubilado respondia-lhes: — O melhor pae é Deus, a melhor

mãe é! Nossa Senhora, as melhores irmãs são as trez pessoas da Santissima Trindade.

Sã theologia; mas os mocinhos queriam saber de sua mãe, de seu pae e de suas irmãs.

Déram em não estudar, de tristes que viviam. Foram accusados ao padre Braz, que entrou a admoestral os no convento. Os meninos abraçaram se n'elle, pareciam contentes.

— E' nossa mãe? perguntava Agustinho.

— E' nossas irmãs? perguntava Pedro.

E Braz Luiz baixava os olhos sobre o seio, permanecia n'um recolhimento angustiado, e saia com estas palavras:

— É verdade!... e vossa mãe!... e as vossas irmãs? perguntava Agustinho.

— Pequeni! pequeni! perdão, meu Redemptor!

(Continúa.)

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —
ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

CAIXEIRO

PRECISA-SE d'um com pratica de mercearia e vinhos para uma casa d'esta cidade.

Prefere-se que tenha boa calligraphia e que dê fiador á sua conducta.

Carta a esta redacção.

EMPREGADO

HOMEM com bastante pratica de commercio, habitos de trabalho e alguma instrucção litteraria, deseja collocar-se em escriptorio, fabrica ou casa commercial, onde possa trabalhar em harmonia com as suas aptidões.

Conhece além de outros o negocio de cereaes, legumes e vinhos, cujas transações pôde promover.

Quem precisar ou quizer mais esclarecimentos, deixe carta n'esta redacção, com as iniciaes.—
P. A.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açoague nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa. sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso. couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

ATENÇÃO

VENDEM-SE PULVERISADORES
Systema Vermorel... 8000
Gallott 9000
Gobet 9000
Topillos, systema Vermorel 4500

no deposito da importante casa bacarense Antonio Correia Braga. Em Aveiro, Antonio Ferreira Felix, Filhos (Successores) aonde acaba de chegar uma grande remessa d'este artigo.

Todas as machinas se vendem garantidas por cinco annos.

A AMBICÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantadamente a esta empresa a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 63000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, (3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel para os que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

NESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedães se responsabilisam os annunciantes.

Egualmente garantem a todos a modicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 150—LISBOA.

Preço 200